

OS VAGABUNDOS EFICAZES

OS VAGABUNDOS EFICAZES

operários, artistas, revolucionários: educadores

© n-1 edições, 2018

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart e

Ricardo Muniz Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

TRADUÇÃO E NOTAS Marlon Miguel

REVISÃO TÉCNICA Noelle Coelho Resende

PREPARAÇÃO Graziela Marcolin

REVISÃO Pedro Taam

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

São Paulo | outubro de 2018

n-1edicoes.org

Fernand Deligny

OS VAGABUNDOS
EFICAZES

OPERÁRIOS,
ARTISTAS,
REVOLUCIONÁRIOS:
EDUCADORES

TRADUÇÃO E NOTAS
Marlon Miguel

M-1
edições

A
Georges Herchelbout e Henri Glorie,
operários,
e a todos os camaradas delinquentes
e educadores do extinto Centro de Observação
da região de Lille

A presente tradução utilizou como base a edição original de 1947 publicada pela Victor Michon, a edição revista de 1970 publicada pela François Maspero e a edição das *Œuvres* (2007, 2017) publicada pela L'Arachnéen, esta mesma baseada na reedição da Dunod (2004). As três versões tinham ligeiras diferenças no texto, além de várias diferenças de formatação. Procuramos unificar as versões, seguindo sobretudo a versão revista por Deligny em 1970. [N.T.]

08

NOTA DO TRADUTOR

Marlon Miguel

13

I O BEM, O MAL E SEUS DEFENSORES

23

II DIÁRIO DE BORDO

115

III OS VAGABUNDOS ~~INEFICAZES~~

132

PREFÁCIO (1970)

Émile Copfermann

154

TRECHO DA INTRODUÇÃO

Sandra Alvarez de Toledo

NOTA DO TRADUTOR

Marlon Miguel

Publicado no fim de 1947, *Os vagabundos eficazes* faz parte da primeira produção de Fernand Deligny – junto com *Pavillon 3* (1944), *Graine de crapule* (1945), *Puissants personnages* (1946) e *Les enfants ont des oreilles* (1949). Essas obras, marcadas pelo estilo do romance social, respondem às experiências institucionais vividas por Deligny na classe especial, no asilo e no centro social. Elas refletem ainda um período marcado pela guerra e pela transformação do entendimento da anormalidade e do desvio social através da formulação da noção de “infância inadaptada”. Com essa noção, formula-se uma mudança de paradigma, onde as práticas de exclusão social darão progressivamente lugar a práticas de inclusão. No entanto, Deligny percebe rapidamente que essa mudança, no horizonte do capitalismo, implica em novas modalidades de violência, baseadas antes na eficácia dos resultados e na adaptação de mão de obra precária do que no cuidado dos indivíduos.

Os vagabundos eficazes é um relato literário, um “diário de bordo”, narrando o quase um ano de funcionamento do Centro de Observação e de Triagem (COT) da região do Norte, do qual Deligny fora o diretor, e que recebia, para avaliação, jovens delinquentes esperando uma decisão judicial sobre os seus futuros. Ainda longe da estranheza radical de seus escritos tardios dos anos 1970 em diante – reflexo

do convívio com crianças autistas –, *Os vagabundos* já é, contudo, marcado por uma interessante experimentação da língua. O estilo é distinguido por uma passagem constante de registros (coloquial, poético, descritivo, vulgar, reflexivo) e pelo uso simultâneo de inúmeros neologismos, arcaísmos, gírias e expressões. O tom, de crônica, é virulento, amoral e provocador, visando torcer a língua para criticar a moral burgueso-católica que vigorava no meio educativo.

Se toda tradução é necessariamente traição, optei todavia por transpor a estranheza do original para o português. No lugar de uma tradução mais explicativa, busquei respeitar a sintaxe deligniana – com suas longas frases, mas que impõem um ritmo de fluxo à leitura –, assim como as suas acrobacias gramaticais, a excentricidade do tom, a oralidade poética, os peculiares neologismos. Por outro lado, embora mantendo certos arcaísmos, não busquei fundamentalmente traduzir para um português brasileiro equivalente ao de meados dos anos 1940. Busquei, ao contrário, atualizar aquilo que o texto, por sua extemporaneidade inerente, nos fala hoje.

O leitor brasileiro descobrirá justamente um texto de uma atualidade surpreendente para os nossos debates sobre delinquência, prisão, (des)ajuste social e educação. Por um lado, *Os vagabundos* é uma crônica espaço-temporalmente precisa: trata-se de um COT,

em Lille, portanto em uma zona que estava ocupada, aberto logo após o fim da guerra. Nas páginas que abrem o livro, os traços do cessar-fogo recente ainda estão presentes: ruínas, veículos abandonados, o corpo enterrado de um homem assassinado por nazistas, o racionamento de comida, a lembrança ainda fresca de jovens engajados nas SS, a pobreza das “crianças perdidas”. Por outro lado, esse cenário faz com que questões como violência, injustiça social e pobreza apareçam conectadas, de um modo que nos é estranhamente aparentado. Longe de naturalizar a inadaptação, Deligny aponta para a necessidade de mostrar sua correlação intrínseca com problemas de natureza social. Os inadaptados o são, na esmagadora maioria dos casos, por conta das circunstâncias desfavoráveis nas quais evoluíram.

A noção de “circunstância”, retomada de Henri Wallon, possui no pensamento de Deligny uma dimensão fundamental. O verdadeiro educador é um “criador de circunstâncias” capaz de fabricar um novo “meio” para o inadaptado. Contudo, não se trata de um meio artificial desconectado da realidade social de origem do indivíduo, e sim de um espaço onde ele descobrirá suas aptidões. Por isso, Deligny recruta, para trabalhar no COT, não os diplomados carregados de um saber enrijecido, mas aqueles oriundos de meios populares. Esses educadores seriam os mais aptos a

produzir as “circunstâncias de choque” que tirariam os jovens de seu círculo vicioso e infernal.

O pós-guerra, até 1948, é um momento de negociação institucional e Deligny encontra aí uma brecha para fazer do COT um lugar de experimentação, um “centro aberto”. No Centro, a “superação” da inadaptação passa, na realidade, por sua crítica e pela criação de uma coletividade popular capaz de lidar com seus próprios problemas. Esses “vagabundos” educadores são eficazes porque são capazes de inventar situações propícias para que os menores delinquentes possam avaliar por si próprios, porém juntos, a sua “inadaptação”. *Os vagabundos* formula assim uma pedagogia da revolta, onde não se trata de “amar” os moleques, mas de ajudá-los, de ensiná-los a sobreviver em um mundo que lhes é hostil, em primeiro lugar e desde já, por conta de sua origem social.

Os vagabundos se conclui com um elogio do desequilíbrio. O educador sabe que é preciso se pôr em risco a fim de criar as condições para a tomada de iniciativa dos moleques. Ainda mais, é a sua própria natureza vagabunda que parece já estar em desequilíbrio com a ordem vigente. De caráter forte e “papo reto”, serão eles capazes de desequilibrar os poderes locais? Pontuando o texto com sua última palavra, Deligny escreve: “esperança”.

I

O BEM, O MAL
E SEUS DEFENSORES

